



ALICENEWS.CES.UC.PT

INSURGENT AND INTERCULTURAL CONTENT IN ENGLISH, PORTUGUÉS Y ESPAÑOL

#44 2022-10-12

ISSN 2795-515X



pt Notícias Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

14º Mundos de Mulheres e o oráculo de Arundhaty AN Original

Another world is not only possible, she is on her way. On a quiet day, I can hear her breathing. Arundhaty Roy
Por Teresa Cunha



pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

Os Dentes da Democracia Liberal

AN Original

Já faz quase 7 décadas que o dramaturgo alemão Eugen Bertholt Friedrich Brecht deixou o palco da vida. Mas suas contribuições literárias e artísticas ainda nos ajudam a compreender os tempos atuais. Fui buscar(...)
Por Rafael dos Santos da Silva



es Reflexión Anti-Capitalismo Anti-Heteropatriarcado

Piedras del hambre

AN Original

Hace muchos años, una amiga me dijo que era totalmente irresponsable tener hijos en esta época, porque esos niños tendrán que vivir en un mundo sin agua. Su hijo es hoy unos meses menor que mi hija.

Por Verónica Córdova



en Reflection Anti-Heteropatriarchy

The Sexual Order of European Far-Right Populism, or when Whiteness Prevails over Gender based solidarity

AN Original - UNPOP Series

In the last few years, we have witnessed the rise of a few strands of reactionary feminisms, which, alongside the spreading of femonationalist and homonationalist stances, have lended new legitimacy to far right(...)

By Maria Elena Indelicato



Facebook



Twitter



YouTube



RSS

Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
Apartado 3087
3000-995 Coimbra, Portugal alicenews@ces.uc.pt



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

14º Mundos de Mulheres e o oráculo de Arundhaty

AN Original

2022-10-11

Por Teresa Cunha



Another world is not only possible, she is on her way.
On a quiet day, I can hear her breathing.
Arundhaty Roy

2,256 pessoas participaram presencialmente

831 pessoas participaram online

provenientes de 32 países do mundo de quatro continentes: África, Américas, Ásia e Europa.

Destas, 89% afirmaram serem mulheres e 11% identificaram-se como homens

Durante cinco dias uma equipa de 178 jovens voluntárias/os (138 raparigas e 40 rapazes) realizou todas as tarefas necessárias para que tudo corresse bem: acolhimento e credenciamento, informação, equipamentos, logística, interpretação sequencial, transporte, entre outras.

Um acampamento de 360 mulheres de várias associações e organizações de base provenientes das várias províncias de Moçambique congregadas pelo Grupo de Partilha de Ideias de Mulheres de Sofala (GMPIS) e as 50 mulheres da Associação Hixikawe (palavra na língua Changana do sul de Moçambique que significa 'estamos juntas'), puseram no centro daqueles 5 dias de vida em comum três coisas: a luta pela paz e a desmilitarização, os diálogos entre movimentos sociais e a academia e o cuidado com a vida.

Uma feira de artesanato e alimentação que contou com 46, artesãs que apresentaram as suas artes, os seus produtos e serviços; mais de duas dezenas de produtoras de alimentos de Maputo, Gaza, Inhambane, Manica, Sofala, Tete, Nampula e Cabo Delgado; dezenas de outras mulheres que confeccionaram e serviram refeições à comunidade ali presente.

A organização contou com uma coordenação geral presidida por Isabel Casimiro, um secretariado executivo coordenado por Lázaro Cossa, e as seguintes comissões: Comissão Técnica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) com o alto matrocínio da senhora Vice-Reitora Amália Uamusse, Comissão Científica presidida por Catarina Trindade e Vera Gasparetto; Comissão de programação presidida por Maira Domingos; Comissão de Logística e Infraestrutura presidida por Leonilde Lumbela e Lídia Muthemba; Comissão da Feira de Alimentação e Artesanato, presidida por Sara Ferreira; Comissão de Saúde e Bem-estar, presidida por Ira Vovos e Emilene Souza; Comissão de Arte e Cultura, presidida por Izzy Gomes; Comissão de Comunicação e Informação, presidida por Juvita N'Govo e Paola Prandini; Comissão dos Movimentos Sociais, presidida por Júlia Mpfumo; Comissão do Voluntariado, presidida por Crisófia Langa e ainda um Grupo de Tecnologia, presidido por Hélio Maúngue.

Durante 5 anos mais de 50 pessoas, lideranças dos movimentos sociais, artistas e intelectuais, estiveram directamente envolvidas no desenho e na organização do 14º Congresso Mundos de Mulheres acolhido pela Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, Moçambique de 19 a 23 de Setembro de 2022.

Sob o lema ***FeminismoS AfricanoS – construindo alternativas para as mulheres e para o mundo através de um corredor de saberes que cuida e resiste***, durante aqueles 5 dias tiveram lugar diferentes actividades e espaços de troca, aprendizagem, cuidado e convivialidade onde todas e todos puderam participar. Para além das feiras e do acampamento, que foram permanentes, aconteceram:

- Místicas sobre; As heroínas, Mãe Terra; Ervas medicinais e Movimentos de Mulheres
- Espaços de Vivências
- Exposição de Fotografias e Pintura
- Lançamento de livros
- Exposição de Pósteres e Cartazes
- Fogueira Feminista
- Momentos culturais com música, dança e poesia
- 57 Oficinas propostas e coordenadas pelas/os participantes (Oficina foi o nome dado a essa entidade chi'ixi, como ensina Silvia Cusicanqui, que é tanto uma oficina como um seminário e que faz emergir novas epistemes feministas. Por isso enunciada no feminino. Invenção do 14º Congresso Mundos de Mulheres.)
- 4 Mesas Redondas sobre: Resistências, Poder, Cuidar, Alternativas com a presença de Graça Machel (Moçambique), Emaima Salama Ahmed Kabad (República Árabe Saharaui Democrática), Patricia McFadden (eSwatini) e Houria Boultedja (Argélia/França) entre outras activistas e intelectuais feministas
- 4 Conferências plenárias proferidas por Oyèrónkẹ Oyěwùmí (Nigéria), Asanda Benya (África do Sul), Paulina Chiziane (Moçambique) e Raquel Lima (S. Tomé e Príncipe/Portugal)

Porque é que eu comecei pelos números e os nomes das principais protagonistas envolvidas nesta edição do Congresso Mundos de Mulheres? São três as razões principais que concorrem para uma ideia fundamental: Moçambique, país africano, é um lugar do mundo cheio de energia, rebeldia, onde fervilham resistências e alternativas e onde as melhores coisas podem e acontecem, pensadas e levadas a cabo por mulheres africanas nos seus próprios termos.

A primeira razão tem que ver com a dimensão do evento não só pelo número de participantes que estiveram presentes pessoalmente e online, mas também pela ocupação do espaço público do campus universitário e da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da UEM. Ao chegar ao Mundos de Mulheres senti um grande arrepio apesar do calor que se fazia sentir. Era realmente um pluriverso: mundos de mulheres tomaram conta da universidade e do seu calendário. Além do movimento interminável de pessoas, com as suas sacolas e capulanas cores de fogo, indo e voltando das inúmeras actividades simultâneas, avistava-se de imediato a enorme tenda branca onde mesas, conferências, cerimónias, místicas, danças e canções foram percorrendo os dias; viam-se também as fileiras de artesãs, camponesas e os seus

produtos da terra, produtoras de óleos, farinhas, ervas medicinais, sabonetes e outras cosméticas feitas a partir do melhor que vem das suas machambas, das florestas e das águas. Um pouco mais adiante as tendas das Mulheres do Grupo de Partilha de Ideias de Sofala (GMPIS) donde chegavam os cheiros gostosos da comida feita ali mesmo, a energia das canções cantadas por centenas de vozes e o poder das falas de todas e cada uma que quis tomar a palavra.



À esquerda da entrada estava a ECA povoada, melhor dizendo, habitada por esse pluriverso de mulheres que montaram os seus pequenos restaurantes, as suas bancas de vender comidas, livros e poções. No átrio amplo estavam os poster, as artes, os espaços de vivências e onde milhares se cruzavam para seguirem até à sala das Oficinas escolhidas para reflectir, trocar conhecimentos e propor alternativas em colectivos gerados pelo dinâmico programa do Congresso. Em cada sala de Oficina foi possível transmitir em streaming as discussões e as reflexões; quem não pôde viajar e estar ali fisicamente, não deixou de participar. Uma enorme logística e coordenação de equipamentos de comunicação foi implementada, todos os dias e a cada momento, com uma enorme eficácia.

Sim, podemos! não é um slogan de campanha nem a prática de uma demagogia fácil e populista. Sim, podemos! é a realização deste 14º Congresso Mundos de Mulheres na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, Moçambique, onde se mostrou a profunda energia com que se pode, de facto, transformar este mundo feio, frio, violento e desigual que nos querem convencer ser o único possível.

A segunda razão é que este 14º Mundos de Mulheres não só desestabilizou e desmontou as expectativas de quem pensou que não seria possível ou então que seria um fracasso, como foi uma forte patada de leoa para lembrar, a quem se costuma esquecer frequentemente, que as mulheres, em toda a sua diversidade, estão e sempre estiveram na história (esta estúpida palavra carregando ela mesma a misoginia na sua ortografia), na sociedade e nas lutas. E estas lutas fazem-se de muitas maneiras e com muitas palavras diferentes daquelas que nunca disseram ou já não querem dizer grande coisa porque foram esterilizadas, como género ou desenvolvimento. Foi nessa polifonia e na invenção de novos idiomas de libertação que se foram inventando durante todo o processo de preparação e realização, que as coisas aconteceram muito para lá do imaginado e até sonhado.

A terceira razão parece a mais simples de todas, mas é a que, neste momento, politicamente, mais reverbera em nós: precisamos de boas notícias, precisamos de bons exemplos, precisamos, todas e todos, que nada fique como dantes e o MM22 em Maputo deu-nos essa energia de luta e reforçou a alegria para continuar nela.

KUBUTSANA! (Verbo usado nas duas principais línguas do sul de Moçambique, Rhonga e Changana, que significa 'juntar-se por uma causa comum')

* Fotos da autoria de Teresa Cunha

Teresa Cunha é doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra. É investigadora sénior do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra onde ensina em vários Cursos de Doutoramento; co-coordena a publicação 'Oficina do CES' e o Programa de Investigação Epistemologias do Sul. Co-coordenou os ciclos do Gender Workshop entre 2012 e 2022. Coordena a Escola 'Ecologias Feministas de Saberes'. É professora-coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Coimbra e investigadora associada do CODESRIA e do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Em 2017, foi agraciada com a Ordem de Timor-Leste pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste. Os seus interesses de investigação são feminismos e pós-colonialismos; outras economias e economias feministas mulheres; transição pós-bélica, paz e memórias; direitos humanos das mulheres no espaço do Índico. Tem publicados vários livros e artigos científicos em diversos países e línguas dos quais se destacam: Mulheres, Territórios e Identidades vol 1, 2 e 3; Women InPower Women. Outras Economias criadas e lideradas por mulheres do sul não-imperial; Never Trust Sindarela. Feminismos, Pós-colonialismos, Moçambique e Timor-Leste; Ensaios pela Democracia. Justiça, dignidade e bem-viver; Elas no Sul e no Norte; Vozes das Mulheres de Timor; Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem; Feto Timor Nain Hitu - Sete Mulheres de Timor»; Andar Por Outros Caminhos e Raízes da Participação.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Os Dentes da Democracia Liberal

AN Original

2022-10-08

Por Rafael dos Santos da Silva



Brecht, por David Levine – Clifford Odets
February 4, 1982

Já faz quase 7 décadas que o dramaturgo alemão Eugen Bertholt Friedrich Brecht deixou o palco da vida. Mas suas contribuições literárias e artísticas ainda nos ajudam a compreender os tempos atuais. Fui buscar luz na potência de um dos seus ditos para tentar interpretar o atual cenário político, econômico e social no mundo, em geral, e no Brasil em particular. Dizia ele: “você esperam que os tigres arranquem seus dentes?” Se entendermos que o tigre é o mercado, seus dentes poderiam ser facilmente associados a democracia liberal cuja dependência ao processo eleitoral é estabelecida por uma equação direta de causa e efeito.

Em tempo, é oportuno regressar a uma noção mínima de democracia que há muito exigia algum grau de envolvimento dos cidadãos atenienses. Nesse campo, a palavra participação traz em si a chave interpretativa para nossa ideia. Primeiro porque ela significa fazer parte, estar envolvido com uma ação. Está palavra, liga diretamente as duas categorias centrais de nossa reflexão: a democracia e a

cidadania. Em outras palavras, participação pressupõe ação democrática que consiste em assegurar algum grau de acesso a vida pública. Daí sua relação direta com a cidadania. Logo, participação, democracia e cidadania, podem ser traduzidas como a expressão maior de uma sociedade em movimento.

Ao visitar a biografia de autores que se dedicam a democracia, é possível identificar pelo menos quatro estágios de um mesmo processo. Para efeito ilustrativo, imaginemos que o estágio mais superficial consiste na democracia eleitoral. Traduzida na ação de escolher representantes. Nesse momento, a escolha popular ocorre diante de uma lista previamente definida por partidos políticos e não raras as vezes o voto de um indivíduo não alcança de fato seu escolhido. Se não êxito em aceitar sua importância, assumo que esse estágio carece de maior aprofundamento. De seguida há a segunda camada democrática. Também conhecida por institucional. Aqui estão os estatutos governamentais e todos os seus regramentos. A noção de burocracia nesse campo é essencial para exercer controle sobre os grupos políticos. Contudo, seu excesso pode igualmente ser prejudicial pois tem a capacidade de inviabilizar o alcance de direitos. Para aprofundar esses estágios sugiro ler o primeiro capítulo do clássico “Democratizar a Democracia” onde, já na introdução, Boaventura Sousa Santos irá se dedicar a interpretar aquilo que ele mesmo chamou de Democracia Hegemônica.

Do outro lado, dessa questão encontram-se as vias da democracia contra hegemônica. Nesse espaço a sociedade experimenta as possibilidades da democracia participativa, momento em que a organiza-se para influenciar os orçamentos e garantir direitos em forma de políticas públicas. Finalmente, a mais profunda camada encontra-se a democracia comunitária. Aqui as decisões são constantemente discutidas, elaboradas e reorientadas. A organização popular se arvora em pensar novos modelos societários. Deve organizar-se em resistências contínuas até tomar à razão como fio condutor do poder político, e, portanto, da democracia. No seu ápice, a democracia comunitária vai livrar-se das amarras da representação, de modo que a melhor expressão para definir seu jogo político é a própria ideia de ebulição.

Ora, como se sabe a democracia não ocorre no vácuo. Ela, segundo argumenta o franco-argelino Jacques Rancière, busca mediar “o reino dos desejos infinitos” e por isso exige, a cada multiplicação dos desejos, maior intensidade, ou segundo nosso quadro acima, maior necessidade em aprofundar suas camadas.

Não faz muito tempo que para satisfazer seus desejos a sociedade criou um modelo de produção e consumo conhecido por capitalismo. Em seus estágios iniciais tal modelo foi elaborado com requintes de crueldade. Para exercer suas funções econômicas e sociais, apropriou-se de pilares antigos como o colonialismo e o patriarcado. Desta forma, desde sua fase mercantil, baseado na mão de obra escrava nas colônias, alcançando sua etapa industrial, de matriz petrolífera, o capitalismo sempre se pautou na exploração, quer seja do indivíduo, quer seja da ecologia. Em outras palavras, não pode haver capitalismo sem exploração. Inicialmente tratava-se da exploração da força de trabalho, como diria Karl Marx; Agora, além desta soma-se a exploração da ecologia, como afirma o Papa Francisco, em sua encíclica Laudato Si. O fato é que a exploração é a palavra chave para compreender os resultados do modelo capitalista.

Em pouco tempo, segundo os dados das Nações Unidas, tal modelo jogou à extrema pobreza mais de 1,3 bilhão de pessoas no mundo. Se o recorte for a América Latina, então a Comissão Econômica para América Latina - CEPAL estima que esse número já atinja a 86 milhões de pessoas. Mas se campo de análise for a África Subsaariana, então precisamos considerar o estudo José Austáquio Diniz Alves para quem aquele local viu a pobreza extrema saltar de 429 milhões em 2019, para 478 milhões de pessoas em 2021.

Ao olhar para a pobreza multidimensional, o número de africanos chega a 556 milhões. Nesse campo, nem a Europa escapa ao flagelo da pobreza. No velho continente segundo as fontes de Austáquio já são mais de 1 milhão de pessoas atingidas pela pobreza múltipla. No Brasil, a partir do golpe de 2016, e a chegada do protofascismo de Jair Messias Bolsonaro, a pobreza representa uma verdadeira catástrofe humanitária. Em 2019, a organização ChildFund estimava que 104 milhões de pessoas encontravam afetadas por algum tipo de pobreza. Agora em 2022, o robusto relatório da rede Persan denominado Olhe para a Fome, estima que aproximadamente 125 milhões de pessoas estão afetadas por algum tipo de Insegurança Alimentar, destas, 33 milhões estão em situação de fome.

O leitor pode se perguntar: o que justifica tamanha indecência? Estamos a perder a capacidade de nos indignar? Nenhuma dessas respostas poderá ser respondida sem aprofundamento da democracia. A paralização tudo apodrece, inclusive se estacionarmos na superficialidade da democracia eleitoral. Água apodrecida tende a revelar o mercado liberal cujo os dentes não serão entregues gratuitamente.

Bem faz a interpretação de Boaventura Sousa Santos quando em seu livro Reinventar a Democracia sentencia: “estamos a viver em sociedades politicamente democráticas, mas socialmente fascistas” Aqui está a síntese do conteúdo explicativo para o quadro acima. Ao estacionar na superfície eleitoral o tecido social se faz politicamente democrático. No entanto, emerge dali grupos de interesses dotados com forte poder econômico, que feito aves de rapina, agrupam-se em esquemas para atuar como laráprios das instituições até sequestrar leis e orçamentos revelando-se “socialmente fascistas”.

No Brasil, esse tipo de grupo tem nome e endereço: é o centrão. Trata-se de um esquema político organizado que domina 47% dos congressistas associados a 14 agremiações, e conta com 242

deputados federais. Seu início remonta a ex-colaboradores do regime militar, mas em 2014 ressurgiu na figura de Eduardo Cunha a organizar o golpe de 2016.

Esse bloco divide-se em interesses difusos, mas seus principais olhares associam-se ao agronegócio, a bancada armamentista e a bancada fundamentalista. Os críticos o resumem como a bancada BBB – boi, bíblia e bala.

O centrão dá organicidade ao governo Bolsonaro. Seus líderes encontram pouso no regramento jurídico e um só tempo manipulam as leis para sangrar a república a partir de um orçamento secreto. Em outras palavras, roubam dentro das regras do jogo.

Nesse sentido, repito: o Brasil encontra-se diante de uma sociedade politicamente democrática, mas socialmente fascista. Por que? Porque esse modelo social só se sustenta sob os dentes da democracia liberal lugar onde as pessoas até dispõem de um ordeiro processo eleitoral, mas não encontram forças para radicalizar a democracia.

Finalmente, vale regressar a Bertholt Brecht ao jogar dúvidas sobre os tigres. Esperar, pois que o capitalismo radicalize a democracia é guardar inocência quanto as expectativas do tigre sobre seus dentes.

Rafael dos Santos da Silva - Possui graduação e mestrado em Administração. Cursa doutorado em Sociologia na Universidade de Coimbra - UC. Faz carreira no Magistério Superior lotado na Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Administração Pública, Sociologia e Docência. Contribui em vários movimentos sociais relacionados a violência, direitos humanos e combate a pobreza. Participa como convidado do grupo do Observatório de Políticas Públicas da UFC e do Observatório de Políticas Públicas do meio Rural da UFC. Concentra interesse nas seguintes áreas: desenvolvimento, pobreza (rural/urbana), distribuição de renda, cidades, violência.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Piedras del hambre

AN Original

2022-10-03

Por Verónica Córdova

Hace muchos años, una amiga me dijo que era totalmente irresponsable tener hijos en esta época, porque esos niños tendrán que vivir en un mundo sin agua. Su hijo es hoy unos meses menor que mi hija.

Los expertos en clima nos dicen que para cuando nuestros hijos tengan la edad que nosotras tenemos ahora, casi todos los picos de la cordillera andina podrán haberse derretido. Que el lago Titicaca podrá haber bajado su nivel al punto de dividirse en tres pequeñas lagunas. La ciudad de La Paz podría enfrentar una aguda crisis por falta de agua potable, mientras que en el norte y el este de Bolivia el cambio en los patrones de lluvia generaría sequía en el invierno e inundaciones en el verano, destruyendo las selvas y convirtiéndolas en desiertos. En la época en que nacieron nuestros hijos llamábamos Cambio Climático a la causa de estos angustiantes pronósticos. Ahora los científicos la denominan Emergencia Climática. Ese simple ajuste en el nombre ya debería estremecernos.

En 2018, la adolescente sueca Greta Thunberg dejó de asistir a clases cada viernes para manifestarse en solitario demandando la acción de su gobierno contra el cambio climático. Tenía la edad que mi hija tiene ahora cuando empezó un movimiento juvenil mundial de lucha por el futuro del planeta, que es en realidad por su futuro y el de todas nuestras guaguas. A veces parece que olvidamos que el planeta nos antecede por millones de años y así como ha sobrevivido todo tipo de cataclismos, seguramente sobrevivirá los cambios en el equilibrio de los ecosistemas que estamos provocando nosotros. Los que muy probablemente no los sobrevivamos somos los humanos. Y serán nuestros hijos y nietos quienes sufran las consecuencias sociales y económicas de los desastres que estamos empezando a experimentar ahora y, de acuerdo con los científicos, no harán más que agravarse en las próximas décadas.

Esta semana un invierno muy crudo nos dejó, acompañado de un bellissimo arcoíris circular alrededor del sol que no faltó quien viera como un mal presagio. En el hemisferio norte se terminó uno de los veranos más calientes desde que se registran las temperaturas para futura referencia. El insoportable calor estuvo acompañado en Europa de una intensa sequía, que disminuyó el caudal de los ríos dejando al descubierto varias *piedras del hambre*: mensajes grabados en rocas que solo son visibles cuando el nivel del río baja lo suficiente para presagiar miseria. Una de ellas reza: Si puedes verme, llora.

No puedo dejar de imaginar a los antiguos habitantes de esas zonas ribereñas, agobiados por el hambre, pero todavía con fuerzas para esculpir en la roca una advertencia ominosa para las generaciones futuras. No puedo dejar de pensar en mi hija cuando tenga la edad que yo tengo ahora. No puedo dejar de recordar las palabras de una de las responsables del Acuerdo de París, Christiana Figueres:

Cuando nuestros hijos y los hijos de nuestros hijos nos miren a los ojos y nos pregunten “¿Qué hicieron ustedes?”, nuestra respuesta no puede ser “hicimos lo mejor que pudimos”. Tiene que ser más que eso. Hay solo una respuesta correcta a esa pregunta: “Hicimos todo lo que tenía que hacerse”.

En el espacio entre esas dos respuestas está el destino de nuestra especie.

The Sexual Order of European Far-Right Populism, or when Whiteness Prevails over Gender based solidarity

AN Original - UNPOP Series

2022-09-30

By Maria Elena Indelicato

In the last few years, we have witnessed the rise of a few strands of reactionary feminisms, which, alongside the spreading of femonationalist and homonationalist stances, have lent new legitimacy to far right anti-migration and anti-gender ideology conspiracy theories. Faced by this phenomenon, summer 2022 represented an important opportunity for Europe based feminist scholars to think about the concomitant curtailment of women and LGBTQI+ rights across the continent. Two conferences were at the centre of these major moment of reflection, the 11th European Feminist Research Conference, which was held in Milan in June, and the European Conference on Gender and Politics, which was held in Ljubljana in July. Whereas some of the feminist scholars who, like me, attended the first conference also participated in the second, the two conferences were largely unrelated to each other and only coincidentally focusing on seemingly oppositional social phenomena. To my surprise, most of the scholars I had the opportunity to listen to during the two conferences could only express astonishment at the paradox of seeing women and transwomen joining far right populist political parties vocally advocating 'traditional' gender identities, roles, and families

Whereas, at the level of the unconscious explanations might be abundant, as a race feminist scholars whose work focuses on the ways in which, historically, various population groups have been racialised, my interest lies on showing how such paradox is not a paradox at all. As a matter of fact, if race is taken into account, it is then possible to observe how, on one side of the population line of Europe (colour blinded coded as native versus migrant), there is a dimension of collective identity that feminist and LGBTQI+ supporters of far-right political positions share in common: they are all white. Let me unpack this claim in a three steps explanation.

Step number one: in Europe, femonationalism and homonationalism have relied upon the Orientalist understanding of Muslim sexuality as excessively deviant because of 'religious irrationality.' On the basis of this appraisal, femonationalists and homonationalist LGBTQI+ activists have endorsed the far-right populist characterization of muslim men as inherently misogynist and homophobic and, accordingly, positioned themselves as a higher risk of violence because of 'migrant men.' Implicitly yet consistently, this endowment has led all 'native' population groups purportedly vulnerable to Muslim male violence to be aligned with the dominant male one by virtue of sharing, in the words of Jasbir K. Puar, the same 'secular and liberal humanist' understanding of themselves as 'fully self-possessed speaking subjects, untethered by hegemony or false consciousness, enabled by the life/stylization offerings of capitalism, rationally choosing modern individualism over the ensnaring bonds of family'

Step number two: in Europe, anti-gender movements are more or less explicitly Islamophobic. As documented in the growing literature on the topic, even in its most original Vatican inspired

manifestations, anti-gender ideology stances have consistently equated the alleged threat that social reforms concerning, for instance, same-sex marriage and adoption, and sex education pose to the 'natural' sexual order to that one engendered by the purported islamization of European nations. Anti-gender stances enshrined by non-religious movements such as Generation Identity are even more transparent with regard to what lies in the heart of patriotic anti-gender crusaders. More than fearing a take over from gender fluid leftist post-millennials, they are afraid that, if not biologically countered by a higher 'native' birth rate, Muslims would demographically take over, leading to either the extinction (white genocide) or replacement of European 'native' populations. Collectively referred to as a 'the great replacement theory,' the catastrophic projection of a total loss of 'native' hegemony by means of natural demographic events, once more highlights how the true enemy of European nations is neither feminists who took their liberation too seriously nor sexual minorities. In this regard, anti-gender stances, especially those brought forward by far-right groups, should be understood as much as backlash against the political gains most recently attained by feminist and LGBTQI+ movements in Europe as a call for all 'native' subjects to safeguard their racial best interests.

Step number three: in Europe, the sexual order is white. Anti-gender movements have framed debates concerning their stances as if the 'natural' sexual order of Europe is just about gender heteronormative identities. In this regard, they have been riffing on a split in feminist theory, one which is marked by Judith Butler's problematization of gender (feminine and masculine) as a hegemonic discursive regime we are socialised into to secure both heterosexuality and heteropatriarchy. This understanding of gender has led in the LGBTQI+ community to a proliferation of gender based identities beyond the imperative to pick either one gender or the other, but also contributed to conceal how the sexual order is bigger than gender. It includes, for instance, how queer theory informed critique of settler colonialism have shown, various sets of ideal relationships with the self (i.e. fully self-possessed speaking subjects untethered by hegemony or false consciousness), others (i.e. rationally choosing modern individualism over the ensnaring bonds of family), and the state (i.e. acknowledging the exclusive political authority of secular institutions). When this broader understanding is taken into account, it becomes painfully clear that, even when feminist and LGBTQI+ subjects might be seen as threatening the sexual order from within, they are still considered part of it. In contrast to them, it becomes equally obvious that it is exactly because they abide by traditional gender identities and roles that Muslim minorities have been marked as culturally backwards, thus ineligible for membership to the sexual order of European nations.

In my career as a race feminist scholar I learnt that, contrary to our best expectations, gender and/or sexuality based solidarity is rarely stronger than the affective bond established by, and through, whiteness. In this regard, I was not much surprised when I saw that neither the feminist scholars who attended the 11th European Feminist Research Conference nor those who participated in the European Conference on Gender and Politics had not yet joint the dots between the consolidating femonationalist and homonationalist 'anti-male migrant consensus,' the growing legitimacy of anti-gender movements, and the concomitant mainstreaming of far-right conspiracy theories. Race informed theoretical spectacles do help and make the trick of observing beyond the gender binary and seeing what does the sexual order of Europe truly stands for: whiteness.

Bio

Maria Elena Indelicato (she, her, hers) obtained her Ph.D. at the Department of Gender and Cultural Studies, University of Sydney. She is currently a CEEC FCT researcher at the Centre for Social Studies (CES), University of Coimbra, working on the project 'A Colonial History of Anti-Racism in Education: Anthropology, Race Displacement and Knowledge Transliteration,' co-editor of the section 'Anti-Racism/Mobilisations and Resistance' of the forthcoming online Routledge Encyclopaedia of Race and Racism, and associate editor of the Journal of Intercultural Studies. Besides her monograph Australian New Migrants: International Students' History of Affective Encounters with the Border (2018), Indelicato has published in feminist, critical race and cultural studies journals such as *Outskirts: Feminisms along the Edge*, *Critical Race and Whiteness Studies e-Journal*, *Chinese Cinemas*, *Inter-Asia Cultural Studies*, *Paedagogica Historica*, *Transnational Cinemas*, *Feminist Review*, *Postcolonial Studies*, and *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies* besides several chapters on edited books on international education, settler colonialism, and Chinese cinemas.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sufia
inscrita no Livro do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.